

As Pontes

João Alexandre Pereira Henriques

A mulher passava um pano seco na loiça lavada e olhava para o jardim através da pequena janela. A sensação de que o tempo passara depressa, tão depressa. E retomou memórias de longas tardes passadas em torno das tarefas da casa, a loiça e a roupa — abafou um suspiro. Era feliz.

Era feliz de uma felicidade tranquila, límpida.

Uma vida sem sobressaltos, a que às vezes as ondas furiosas do mar lançavam desejos de loucura. Como uma semente dentro dela, que não se conformava. Como se houvesse algo em si que desejava perder-se na tempestade, talvez para sempre.

E nos instantes que precediam o fim talvez encontrasse a plenitude de si mesma.

E nos instantes que precediam o fim talvez se sentisse viva pela primeira vez.

*

A história passava-se no campo e ele partiu sozinho em busca de lugares para filmar. Esta era a parte de que mais gostava em todo o processo. As longas tardes que passava à procura de um lugar que talvez nem existisse. As vezes em que o desespero ameaçava tomá-lo. E depois o instante revelador. E depois o momento em que percebia que encontrara o lugar, o momento em que percebia que sempre o conhecera. As epifanias eram a descoberta de algo dentro de nós próprios, ele sabia isso. De repente, era como se a história encontrasse o seu lugar, como se o escolhesse.

Era algo diferente da compreensão. Uma percepção que existia para lá dos sentidos, que não tinha nada de lógico. Era apenas como se, de repente, tudo deslizesse de dentro de si, um longo processo que se desencadeava desse instante, voraz, torrencial.

Trabalhava com poucas pessoas, e só aceitava histórias com poucas personagens, poucos espaços. Não gostava de figurantes — pensava neles como adereços de cena — e cortava sempre no seu número. No final, eram tão raros que ele começava a pensar neles como personagens, pequenas personagens que cruzavam a cena. As coisas tinham de acontecer no próprio lugar, no momento em que filmavam. E era difícil desaparecer no meio da multidão. Havia colegas de equipa muito antigos — conseguia pensar neles como amigos — a quem confiava alguns planos. Os planos fotográficos, por exemplo, os enquadramentos que fixavam o cenário em primeiro lugar. O cinema era uma arte de grupo — lembrava-se bem das palavras de Jim Jarmusch — e, se não fosse capaz de aceitar isso, então seria melhor dedicar-se a outra coisa. Soubera rodear-se de boas pessoas no início, e tinham sido sempre os mesmos desde então.

Contudo, embora fizesse o esforço de integrar a equipa em todas as fases do processo, guardava sempre para si um sentido de descoberta. Era algo que nem ele próprio saberia descrever, uma forma abstracta de escrita, uma deformação dos sentidos. Por vezes, aproximava a câmara do rosto dos actores e sentia que as linhas se diluíam. A aproximação era quase impossível, a expressão de um desejo a um tempo destrutivo e revelador. O seu olhar anulava o envolvente das coisas, reduzia o ruído de um elemento até que ele estivesse isolado do contexto, livre. Um pequeno ponto no interior de um olho, o desenho perfumado de uns lábios. A intervenção de uma essência.

Ao longe, através do vidro enlameado do jipe, avistou o pequeno rio que desenhava o horizonte. Pequenas árvores abauladas dormiam sobre o leito. No ar concentrava-se uma humidade tremeluzente que, como as ondas de calor que escapam do fogo, fazia a paisagem deslizar com suavidade. Parou o jipe sobre uma pequena ponte de madeira e saiu. Uma brisa muito leve roçou o seu pescoço, pequenas gotas de água aspergiam-lhe o rosto. E, quase de imediato, a certeza de que encontrara o lugar. Talvez fosse demasiado belo, mas ele sabia que aquele era o lugar que veria a história nascer. Ou talvez aquele fosse o lugar em que, no tempo

distante de uma outra vida, a história se escrevera pela primeira vez. Estavam lá o rio e a ponte. Uma vegetação selvagem crescia nas margens, e isso também estava certo. Faltava apenas uma história de amor.

*

Era como se os dias se renovassem sem que ela desse conta.

Era como se fosse sempre o mesmo dia.

Alisava as camas com a palma da mão e as rugosidades dos lençóis desapareciam. Os gestos que repetia tantas vezes, como passos bem estudados de uma coreografia. E às vezes, em instantes de angústia, a ideia de que eles nem reparavam. Não reparavam na roupa lavada e dobrada, não reparavam na loiça lavada e seca. Os miúdos. Desciam as escadas a correr e tiravam copos do armário e pousavam-nos em qualquer sítio. Mais tarde, por milagre, eles apareciam limpos, novamente, e talvez eles pensassem que fosse mesmo assim.

Ela fora escolhida para o papel e ele transformara-se na sua obrigação. As tarefas estavam enraizadas nela, e ela já não conseguia recordar-se de como fora antes disso, antes deste papel. Ela era uma actriz que se confundia com a sua personagem.

Passou os olhos por uma lista que só existia na sua cabeça e confirmou que estava tudo. Não cabia mais nada nas malas e tudo o que eles precisavam estava já arrumado. Ele ia levar os miúdos a acampar durante o fim-de-semana — passariam um dos dias numa feira gastronómica, o que não lhe despertava qualquer interesse — e, por uma rara ocasião, ela teria a casa apenas para si. Com gestos precisos, prendeu os sacos de cama a cada uma das malas de viagem.

Os miúdos, excitados com a perspectiva de uma aventura, deram-lhe beijos fugidios e saltaram para o carro. O rapaz, pouco mais velho do que a rapariga, no lugar da frente, ao lado do pai, com quem começava a parecer-se cada vez mais. Os miúdos que nunca a tinham visto noutro papel, que talvez nunca viessem a vê-la noutro papel.

Ele despediu-se dela com um beijo meigo, e enunciou as regras de segurança a ter na sua ausência, as regras tantas vezes repetidas. Aquele homem bom, a quem talvez faltasse alguma imaginação. Assobiou ao cão, que passou por ele a correr e foi instalar-se no carro, junto dos miúdos. Fechou a porta atrás de si e, alguns instantes depois, ela viu o carro desaparecer no final da rua.

*

Trouxera com ele uma câmara antiga, uma câmara que gravava ainda as imagens em fita. Em sua casa, a colecção daquelas pequenas cassetes de formato rectangular — nas quais procurava captar pequenos instantes poéticos — enchia uma parede inteira. E ele compusera já pequenos filmes artesanais a partir dessas imagens. Eram filmes que nunca mostrara a ninguém — que talvez nunca viesse a mostrar —, e que ele achava que talvez fossem os seus melhores. Havia neles um respeito reverente pela cadência das coisas, algo que não era possível de alcançar em filmes com equipas de produção, com orçamentos e datas de filmagem.

Usava esta câmara para tirar as medidas ao lugar. Era a partir destas imagens que ele tomava o pulso da história, que o puzzle começava a compôr-se na sua cabeça. Ele gostava de rostos. Quando estudava o lugar, pensava no impacto que os rostos teriam no lugar. Não gostava de enquadrar as imagens, não gostava de definir as marcações dos planos — em geral, deixava isto para a equipa técnica. Aquilo de que ele gostava era da procura, a procura quase ritualista do instante em que o actor desaparecia e ele podia ver a personagem. Era como um salto de fé, ele sabia que o seu trabalho ocultava, por certo, um sentido religioso.

Meteu por uma estrada que seguia paralela ao rio e que era flanqueada por árvores de ambos os lados. A folhagem tornava-se densa com o avançar dos metros, e começava a obstruir o horizonte. Era como se ele penetrasse num túnel, um túnel fundo a que a luz chegava com cada vez mais dificuldade. Em determinado momento, teve a impressão de perder as coordenadas do sol. Os ramos fortes pendiam sobre o caminho e assumiam formas fantásticas, as sombras alongando-se como as garras da escuridão.

O jipe descreveu uma curva ligeira e um círculo alaranjado desenhou-se no limite da estrada. O sol tornava a penetrar no emaranhado cerrado de folhas e ramos, como se, aos poucos, a vegetação voltasse a submeter-se à sua autoridade. Embora o dia caísse já no seu ocaso, ele apercebeu-se de que o brilho era ainda forte, de que o calor viajava ainda nos raios com grande intensidade. O sol viera em auxílio do forasteiro.

No céu, as cores crepusculares desfilavam com desinteresse. Pinceladas de azul celeste e rosa algodão. O tom mais forte junto à orla, uma gradação que passava de vermelho a roxo. Por regra, os filmes dele eram urbanos, pequenas histórias policiais enquadradas pelas luzes de prédios altos e de candeeiros esquecidos, com personagens muito coesas — as críticas apontavam isso — e sempre em pequeno número. Desta vez, porém, quisera filmar no campo. Sentiu que o invadia uma felicidade antiga, que o atingia um estádio de pureza longínquo, que talvez estivesse esquecido dentro de si. Sentiu que o corpo começava por fim a absorver o ar do campo, que o seu organismo processava finalmente a mudança. E, quando as lágrimas rolaram pelas suas faces, ele pensou que não se lembrava da última vez em que o homem chorara.

*

Ela estendia a roupa lavada na corda, que estava presa às colunas de madeira do alpendre. Libertavam-se das peças húmidas pequenas gotas de água, que lhe aspergiam o rosto ao de leve. Gotas frescas em tardes quentes de estio.

Sentia-se aliviada. Naquela noite veria um filme e leria um pouco. Talvez escrevesse, já pensara algumas vezes em tornar a escrever. Cozinhará uma refeição rápida apenas para si e beberá um copo de vinho. Ele ligara a dizer que chegaram bem, só deveriam voltar a falar no dia seguinte, de manhã. Se o telefone tocasse ela não iria atendê-lo. A noite ainda não começara, mas ela já desejava que nunca acabasse. Aquele espaço vazio em que o sonho se tornava possível. A brisa da noite entrando por uma fresta da janela, os pés despídos sobre o sofá.

Prendia uma última mola aos lençóis brancos quando avistou um carro no fundo da rua, um jipe, que se aproximava da casa devagar. Descrevia movimentos hesitantes, e ela descobriu a silhueta de um homem no meio dos raios tardios que o vidro reflectia. Alguém que se perdera, por certo, alguém que talvez consultasse um mapa naquele momento, mas ela duvidava que a casa deles aparecesse em algum. E não havia mais nenhuma casa por ali.

*

Ele olhava para o mapa com desinteresse. Na verdade, adorava perder-se, e não sentia qualquer vontade de retomar os caminhos conhecidos. Decidiu, num impulso, que ficaria ali algum tempo, que só voltaria a dar notícias ao fim de alguns dias. Aquele mundo em que os pássaros cantavam, em que as árvores cresciam livres e sopravam brisas de ar puro. Aquele mundo em que os telefones não tocavam e em que nada perturbava a fruição das coisas.

Encontraria um hotel barato, uma pensão escondida, e passaria incógnito durante alguns dias. Daria um nome falso, como numa das suas histórias, em que um detective descobria o assassino seguindo a pista dos nomes falsos que ele deixava para trás. O anonimato apurava o sabor da adrenalina, e a linguagem secreta das coisas seduzia-o.

Saiu do carro e, num jorro vibrante, o ar do campo entrou nos seus pulmões. Aspirou grandes golfadas, como se temesse voltar a perdê-lo, e uma espécie de êxtase crescia dentro dele. Podia ser apenas saudade, o desejo incontido de uma vida anterior.

Avistou uma casa no final da rua, que não aparecia no mapa. Uma pequena casa de madeira com um alpendre romântico. O alpendre ressoava alguma coisa em si, algum objecto do seu imaginário. Lembrou-se de um quadro de Hopper e de uma música de Bob Dylan. Lembrou-se de um alpendre numa fotografia de Robert Frank.

Havia uma corda presa às colunas de madeira, e havia roupa lavada e presa na corda. Os intervalos regulares entre as peças e o jogo de cores das molas lembravam os gestos precisos de uma mulher bonita. Foi por instinto que decidiu que ela seria bonita. Um rosto profundo e cheio, e uma habilidade que nascia no centro do corpo.

Teria a sua idade, sensivelmente, e usaria um vestido leve. Os pés andariam descalços na madeira do alpendre, e ao tornozelo estaria presa uma fita colorida. Num dos braços traria o cesto das molas, e apareceria no limiar do plano sem que ele desse por isso. Lá estava ela, de pé no alpendre. Era a mulher mais bela que já vira.

*

Ele era realizador e viera à povoação em busca de um lugar para filmar. Viera em busca de magia, e acabara por encontrá-la. Quando ele se aproximou, ela sentiu que já o conhecia. Que talvez o tivesse conhecido desde sempre. O mesmo olhar sonhador, quase desajeitado. A disposição romântica de alguém que, como ela, era culpado de literatura. E aquele brilho nos olhos, o instante de loucura que antecede o fim.

Ele andava perdido e ela ofereceu-lhe jantar. Uma refeição quente, simples, e um copo de vinho. Ele gostava de depender da bondade de estranhos. Enquanto ele tomava um duche, ela tocou nas suas roupas, inspirando profundamente as memórias de outras histórias e lugares. Lugares de outras vidas, em que talvez se tivessem cruzado. Mas ela gostava de viver ali. Cortou pequenas rodela de alho e colocou-as na panela, juntamente com um fio de azeite. Depois juntou o arroz e a água a ferver. Temperou dois bifés com ervas apanhadas do jardim, e preparou uma salada leve, com tomate e alface, um pouco de coentros. E um copo de vinho. Uma garrafa de vinho. E a sensação de que aquela noite poderia prolongar-se para sempre.

*

Ela era ainda mais bela do que parecera inicialmente.

Vestia um vestido curto, de tons claros, e tinha uma pulseira colorida presa ao tornozelo. Os pés, tal como ele imaginara, estavam descalços. Tinha olhos claros, esverdeados, que o fixavam com um tom levemente irónico quando sorria. Os olhos límpidos e profundos em que dançavam, muito ao fundo, uns restos de loucura. O cabelo era longo e liso, de um castanho avermelhado, mas em algumas zonas erguia remoinhos revoltos. Tal como ela, emanava uma tranquilidade que escondia algo de selvagem. Os lábios eram lisos e compridos.

Pensou que ela parecia saída de um milagre. Pensou naquele primeiro plano, com o lençol a limitá-la a um canto, como se uma forma de pureza se concretizasse no espaço, de repente. Contou-lhe a história que o levara até ali, a história de amor entre uma mulher bela e um forasteiro. Ignorou a ironia que o destino lhe reservara — e um acaso que tinha tanta força —, e aceitou o convite para um duche e uma refeição quente. Era, na verdade, tudo o que poderia ter desejado. Mais, até. Deixou que a água fria jorrasse sobre si e sentiu-se despertar, como se voltasse de um sonho muito profundo.

Viu, pela janela da casa de banho, que o sol já se pusera, que a noite caía quente no campo. Vestiu uma roupa leve que trouxera na mala, praticamente a sua única muda. Umas calças de ganga e uma camisa escura, a que dobrou as mangas. As sandálias castanhas que trouxera também eram apropriadas, muito confortáveis. Penteou o cabelo para trás, e viu aparecer as mechas de brancos, que lhe pintavam a cabeça.

Sentia que o sonho se esfumava aos poucos. A tendência romântica que ele, por vezes, se via obrigado a contrariar. Aceitaria a refeição, agradeceria, e depois seguiria a sua viagem. Talvez houvesse ainda uma pensão aberta, e ele precisava de descansar. Quando espreitou para o andar de baixo do cimo da escada viu a mesa posta. A mesa redonda, iluminada pela luz titubeante de uma vela, e o vinho servido em copos altos. Os pratos, vazios, aguardando a comida quente que fumegava nos tachos.

Ela estava postada diante da janela, procurando luzes na escuridão de mais uma noite do campo. Ela tinha a realidade de um quadro, e ele respirou fundo antes de descer os degraus.

*

[A toalha da mesa está engelhada. Os pratos têm restos de comida. A vela emite uma chama fraca. Ele tem o primeiro botão da camisa aberto, o cabelo ligeiramente despenteado. Ela tem marcas de lágrimas nos olhos, restos de pintura]

Talvez devesse ir à procura de abrigo para esta noite.

Este não serve?

Talvez sirva bem demais. Da mesma forma que um cenário demasiado bonito serve bem demais para uma história — pode roubar a atenção.

Tens medo de te perder?

No cenário?

Ou na história.

Talvez tenha, sim. Talvez tenha medo de não conseguir voltar.

Pensei que viesses à procura de uma história de amor. Lembro-me de qualquer coisa como um forasteiro e uma dona de casa.

Talvez me sinta demasiado próximo. O autor deve manter sempre alguma distância em relação à história, sabes? O que estás a fazer? Eu trato da loiça, é uma das minhas especialidades.

Desculpa, não sei o que me deu. Talvez tenha sido a tua história, as coincidências.

Não tens nada de que te desculpar. Afinal, não fizemos nada de mal.

Talvez isto seja comum na tua vida, mas garanto-te que na minha não é — não acontece, simplesmente.

A dona de casa com qualquer coisa de misterioso.

A semente de aventura.

E que era uma das mulheres mais bonitas que ele já vira.

Talvez seja o efeito da gaiola que a faz tão bonita. A cativa.

Os teus olhos falariam comigo em qualquer lugar.

Sabes, isso não ajuda nada. Talvez seja melhor regressarmos à parte da dona de casa.

E ao cabelo liso com arrepios selvagens. E aos pés descalços. E à fita no tornozelo.

Gostaste do jantar?

Estava tudo maravilhoso.

Ainda bem. Acho que o efeito do vinho está a passar. Vou fazer café.

[Levanta-se]

Mostras-me agora os teus poemas? Talvez algum deles desse um bom filme.

Há certas coisas que nem o vinho desbloqueia.

Nunca os mostraste?

Nunca.

Nem a eles?

Já te esqueceste? Eles só conhecem o papel de mãe. A mãe que tem poderes mágicos e põe a casa a brilhar.

E qual foi a personagem que eu conheci?

A mãe que tem saudades de se arrepender de alguma coisa.

Estás arrependida?

Não, mas tenho saudades.

[Ele levanta-se. Ela está encostada à bancada, de costas para a mesa. Ele prende as mãos à bancada, com os braços em volta dela. Os corpos juntos. Ela tem os olhos fechados.

Sussurram]

Cheiras tão bem.

Não me faças isto, por favor.

Talvez eu andasse à tua procura, sabes? E talvez estivesses à espera de que eu viesse salvar-te.

Eu não preciso de ser salva.

Talvez não, mas precisas de tentar outros papéis. É um desafio de atriz.

Tenho medo.

Tens medo de te perder?

Talvez tenha, sim. Talvez tenha medo de não conseguir voltar.

Posso beijar-te o pescoço?

E depois ela sentiu os seus lábios tocarem a pele bronzeada do sol e era como se o mundo desabasse.

A personagem?

Ou a atriz.

Os actores transportam sempre fragmentos das suas personagens no corpo.
Uma mãe arrependida? Não sei se estou à altura.
Uma mulher apaixonada?
Talvez. Ou uma mulher que talvez já não saiba distinguir a paixão da excitação.
Uma mãe excitada?
Tem qualquer coisa de proibido, não tem?
És demasiado bonita para o papel. Mas agrada-me a proibição.
Acho que consigo perceber isso.
E os teus poemas?
E os meus poemas?
São mais proibidos do que nós?
Claro. Nós nem sequer existimos.
Sabes, saber que eles existem e não os ler...
Espicaça a curiosidade do leitor?
Da mesma forma que um vestido curto.
[Ele sobe-lhe o vestido e pousa as mãos abertas junto à barriga despida]
Ela sentia a respiração ofegar e tinha muita vontade de se perder.

*

A mulher passava um pano seco na loiça lavada e olhava para o jardim através da pequena janela. A sensação de que o tempo passara depressa, tão depressa. Viu o carro aparecer no princípio da rua. O rapaz à frente, ao lado do pai. A cabeça de fora e o cotovelo apoiado na janela. A rapariga ia atrás, encavalitada sobre os bancos da frente, e tinha um braço sobre o cão.
Uma leve angústia pesou-lhe no peito e ela abafou um suspiro. Era possível que eles notassem diferenças na personagem? A actriz que fazia de mãe e que tinha leves vestígios de arrependimento. De repente, sentiu-se relaxar. Sentiu que voltava a sentir-se plena.
Era feliz.
Era feliz de uma felicidade tranquila, límpida.
Uma vida sem sobressaltos, a que às vezes as ondas furiosas do mar lançavam desejos de loucura. Fechou os olhos e as imagens acorreram-lhe ao pensamento. As mãos dele abertas sobre sua barriga. O pescoço arrepiado e um desejo quase impossível. Talvez não chegasse a haver arrependimento, sequer. Agora ela tinha alimento para os sonhos, e as memórias alimentavam o seu desejo de loucura.
Ela olhava através da janela quando a porta se abriu atrás de si.